

# BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXXIV nº 1487 | 19/08/2019 a 25/08/2019

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

AVICULTURA

## PREJUÍZO GENERALIZADO

Elaborado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR,  
levantamento dos custos de produção aponta despesa  
acima da remuneração em quase todo o Paraná

[sistemafaep.org.br](http://sistemafaep.org.br)

# Aos leitores

O Paraná carrega o título de maior produtor e exportador de frango do Brasil. A cada ano, milhões de cabeças são abatidas para consumo dos mercados interno e estrangeiro. Ainda, milhares de toneladas da proteína paranaense desembarcam em mais de 200 países.

Mas, por trás de todos esses números, dentro da porteira, o avicultor está amargando prejuízo, de acordo com os números do levantamento dos custos de produção da avicultura realizado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR. Praticamente nas quatro regiões pesquisadas e nas duas formas de produção (pesado e *griller*), a conta não fecha. Ou seja, o valor recebido está abaixo dos custos variáveis e operacionais, conforme exposto na matéria de capa deste Boletim.

Aqui temos duas situações. A primeira é a possibilidade de o produtor desconhecer a sua realidade, o que inviabiliza o ajuste nos custos. Agora, com os dados regionais, o avicultor pode (e deve) comparar seus custos com a média local.

A segunda está relacionada a remuneração paga pelas indústrias. O desafio, com base nos dados levantados, é sentar para negociar e prever um reajuste. Possível é! Recentemente, os produtores da região dos Campos Gerais, por meio da Cadec local, conseguiram aumento de 6% no repasse. Ou seja, é um efeito prático positivo para os avicultores a partir do trabalho do Sistema FAEP/SENAR-PR. O desafio agora é expandir essa negociação para as demais regiões.

Boa leitura!

## Expediente

### • FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná

**Presidente:** Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldatto, Ivo Pierin Júnior, Valdemar da Silva Melato e Nelson Natalino Paludo | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretor Financeiro:** Paulo José Buso Júnior | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santoroza, Ciro Tadeu Alcântara e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, Julio Cesar Meneguetti e Mario Aluizio Zafaneli

### • SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

**Conselho Administrativo | Presidente:** Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Marcos Junior Brambilla - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Nelson Costa - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santoroza, Paulo José Buso Júnior e Carlos Alberto Gabiatto

### • BOLETIM INFORMATIVO

**Coordenação de Comunicação Social e Edição:** Carlos Guimarães Filho | **Redação e Revisão:** André Amorim, Antonio Carlos Senkovski, Bruna Fioroni e Felipe Anibal | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Fernando Santos, Robson Vilalba e William Goldbach | **Contato:** [imprensa@faep.com.br](mailto:imprensa@faep.com.br)

Publicação semanal editada pela Coordenação de Comunicação Social (CCOM) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1487:

Fernando Santos, Lucas Felipe, William Goldbach, Embrapa, Divulgação, Arquivo FAEP e Shutterstock.

## ÍNDICE

### CUSTOS DA AVICULTURA

Levantamento do Sistema FAEP/SENAR-PR mostra prejuízo na atividade em quase todas as regiões e tipos de produção

PÁG. 20

### AGROLEITE

Feira reúne tecnologias estrangeiras na produção de leite, enquanto SENAR-PR promove qualificação

Pág. 8

### SENAR-PR

Entrevista com a pedagoga da instituição expõe a metodologia de ensino para qualificar os produtores

Pág. 10

### FEBRE AFTOSA

Treinamento simulado capacita mais de 160 profissionais quanto a contenção de um foco da doença

Pág. 13

### ALGODÃO

Produtores apostam no ressurgimento da cultura no Paraná como opção para rotação e também renda

Pág. 14

### PERFIL

Ex-aluno do JAA, do SENAR-PR, assume o posto de instrutor para repassar conhecimento no mesmo programa

Pág. 26

# Audiência Pública debate fim da vacinação contra aftosa no Paraná

Evento está marcado para 28 de agosto, no Plenário da Assembleia Legislativa, em Curitiba

A Assembleia Legislativa do Paraná (Alep) irá promover, no dia 28 de agosto, uma Audiência Pública para esclarecer pontos sobre o fim da vacinação contra a febre aftosa no Estado. Organizada pelo deputado estadual e presidente da Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural da Alep, Antônio Anibelli Neto, o evento irá reunir lideranças do setor, autoridades, especialistas em sanidade e pecuaristas. A retirada da vacina é parte do processo de reconhecimento do Paraná como área livre de aftosa sem vacinação, *status* que irá contribuir para que produtos da pecuária estadual alcancem mercados internacionais mais exigentes e que remunerem mais.

O evento é considerado o último ato do Fórum Regional Paraná Livre de Febre Aftosa Sem Vacinação, promovido pelo governo paranaense, em parceria com o Sistema FAEP/SENAR-PR e outras entidades do setor, ao longo dos meses de maio e junho. No total, mais de 4,5 mil pessoas, entre produtores, lideranças do setor, técnicos, estudantes e representantes do poder público, participaram dos encontros, promovidos em seis municípios do Estado: Paranavaí, Cornélio Procopio, Guarapuava, Pato Branco, Cascavel e Curitiba.

Em ocasiões passadas, na tribuna da Alep, Anibelli Neto já apontou que a conquista do novo *status* representaria um atestado de sanidade ao Paraná, que traria uma série de benefícios econômicos ao Estado, principalmente à pecuária. “É o sonho de milhares de paranaenses que o Estado seja livre de aftosa sem vacinação”, disse, em pronunciamento.



O processo de consolidação do sistema sanitário do Paraná se construiu ao longo de décadas, e contou com participação decisiva do Sistema FAEP/SENAR-PR. Entre os fatores decisivos para a estruturação deste modelo, está o estímulo à formação de Conselhos de Sanidade Animal (CSAs), a criação do Fundo de Desenvolvimento da Agropecuária do Estado do Paraná (Fundep) e a realização constante de fóruns e capacitações com vistas a fortalecer de forma contínua cada etapa do sistema de sanidade do Estado.

Toda essa excelência foi comprovada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). No ano passado, auditores do Mapa atestaram que o sistema de sanidade do Paraná é o mais eficiente do Brasil, com índices que superam Santa Catarina, único Estado que detém, hoje, o reconhecimento como área livre de aftosa sem vacinação.

Conforme o Mapa, o Paraná superou a pontuação exigida em 48% dos quesitos e, em 35% dos itens, atingiu o patamar necessário. Em apenas 16% dos pontos analisados, o índice ficou abaixo da meta – o que fez com que o Estado desenvolvesse um plano de ação, que está em fase de finalização.

## Serviço:

**Audiência Pública** “Paraná livre de febre aftosa sem vacinação”

**Data:** 28 de agosto

**Local:** Plenário da Assembleia Legislativa do Paraná - Curitiba

# Governo diminui limite da subvenção ao seguro rural, para ampliar acesso

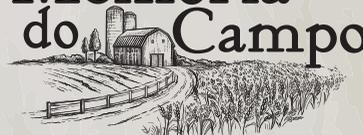
Para 2020, está prevista a destinação do volume recorde de R\$ 1 bilhão para subvencionar o programa

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) definiu novas regras para o Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR), que passam a valer no ano que vem. Para as culturas agrícolas, o governo reduziu o limite financeiro que pode ser subvencionado a um único produtor. Com isso, a estratégia é de que um número bem maior de agri-

MODALIDADES DE SEGURO	GRUPOS DE ATIVIDADES	TIPO DE COBERTURA	TIPO DE PRODUTO	SUBVENÇÃO	LIMITES ANUAIS
Agrícola	Grãos de Verão	Riscos Nomeados	Custeio/Produtividade	20%	R\$ 48 mil
		Multirrisco	Custeio/Produtividade	25%	
			Receita	30%	
	Grãos de Inverno	Riscos Nomeados	Custeio/Produtividade	35%	
		Multirrisco	Custeio/Produtividade/Receita	40%	
	Frutas, olerícolas e cana-de-açúcar			40%	
Florestas	Silvicultura (florestas plantadas)			40%	R\$ 24 mil
Pecuário	Aves, bovinos, bubalinos, caprinos, equinos, ovinos e suínos				R\$ 24 mil
Aquícola	Carcinicultura, maricultura e piscicultura				R\$ 24 mil



# Memória do Campo



cultores tenha acesso ao seguro. O governo previu no Plano Agrícola e Pecuário (PAP) a destinação do volume recorde de R\$ 1 bilhão ao PSR em 2020.

Na modalidade Seguro Agrícola – que abrange de frutas e hortaliças a grãos, como soja, milho e trigo – o valor máximo da subvenção por produtor rural será de R\$ 48 mil. Até então, o limite estava afixado em R\$ 72 mil. Desde o início do programa, a maior fatia das apólices e o maior volume financeiro dos contratos se concentram justamente neste setor.

Além disso, houve alteração no porcentual de subvenção ao prêmio do seguro rural. No caso dos grãos, houve redução, com as subvenções variando de 20% a 40%, conforme o tipo de cobertura.

O grupo das frutas, olerícolas e cana-de-açúcar foi o único em que está previsto aumento no índice de subvenção, que subiu de 35% para 40%.

A redução do teto dos contratos se encaixa à política do Mapa de ampliar o acesso do seguro rural a um número maior de produtores. Na avaliação do economista Jeffrey Albers, coordenador do Departamento Técnico Econômico da FAEP, as mudanças vão provocar a “pulverização” das apólices, ampliando a área de lavouras em todo o país.

“Como o limite de recursos por produtor é menor, mais produtores poderão fazer parte do programa. A gestão dos recursos dessa forma vai propiciar a pulverização e a popularização desta prática de gestão de risco, o que é muito saudável. Vai estimular a contratação do seguro rural”, disse.

Para outras modalidades do programa – Seguro Pecuário, Seguro de Florestas e Seguro Aquícola –, os limites por produtor foram mantidos: R\$ 24 mil por ano. Em todos esses casos, o porcentual de subvenção ao prêmio aumentou de 35% a 40%.

O Paraná é a unidade da federação em que os agropecuaristas mais contratam seguro rural. Em 2018, o PSR movimentou R\$ 370 milhões em contratos de seguro rural em todo o Brasil. Quase um terço deste montante – R\$ 112 milhões – diz respeito a apólices firmadas por produtores paranaenses.

## Exportações do agro

As exportações dos produtos do agronegócio do Paraná ganharam as páginas do Boletim Informativo 851, de fevereiro de 2005. Na ocasião, a matéria noticiava que o Estado tinha fechado o ano anterior (2004) com o equivalente a 9,4 bilhões de dólares embarcados para outros países. Com isso, o Paraná respondia por 9,7% das vendas externas brasileiras e se consolidava como segundo maior exportador do país.

O crescimento das exportações do agronegócio paranaense foi puxado pelo complexo soja, cujas vendas externas chegaram a 2,9 bilhões de dólares. Em seguida, teve bom desempenho o setor de produtos florestais, que engloba madeira e papel, com arrecadação de 1,7 bilhão de dólares. Em seguida, apareceu no ranking de exportações o complexo carnes (bovinos, aves e suínos), com 941 milhões de dólares embarcados.

Catorze anos depois, as exportações atingiram uma relevância ainda maior para o agronegócio do Paraná. A vendas externas aumentaram quase 40%, atingindo 14,1 bilhões de dólares em 2018. Quase a metade deste volume financeiro, 6,9 bilhões de dólares, corresponde ao embarque de produtos do complexo soja. Ainda, no ano passado, o Paraná exportou o equivalente a 2,8 bilhões de dólares em carnes e 2,5 bilhões de dólares em produtos florestais.

# Minor crops registram avanços no Brasil

Desde 2014, legislação permite o uso extrapolado de agroquímicos registrados para culturas semelhantes, possibilitando o controle de pragas e doenças

Por André Amorim

Uma medida de 2014 tornou-se divisor de águas na normatização dos produtos para uso nas *minor crops*, também conhecidas como Culturas de Suporte Fitossanitário Insuficiente (CSFI), aquelas que não contam com produtos agroquímicos registrados para o seu manejo. A Instrução Normativa Conjunta (INC) 01/2014 sistematizou o processo para a extrapolação e uso de agroquímicos para o manejo destas culturas. Esta medida trouxe avanço significativo na legislação, criando um cenário de maior legalidade e segurança para produção rural.

Esse foi o principal ganho para o setor, segundo especialistas de diferentes setores ligados à produção agrícola que participaram de uma sessão técnica com o tema *Minor crops*, durante o 5º Congresso Brasileiro de Fitossanidade (Conbraf), no dia 8 de agosto, em Curitiba. Na ocasião, um público formado por profissionais e estudantes da área da agronomia assistiu a diversas exposições sobre este tema, que evoluiu de sobremaneira no Brasil nos últimos cinco anos.

“A INC1/2014 trouxe uma facilidade para as empresas [de agroquímicos] registrarem seus produtos. Com uma maior disponibilidade de produtos registrados, o profissional de campo pode trabalhar de forma mais clara e mais aberta, com menor risco de recomendar algum produto que não esteja legalizado”, observa o engenheiro agrônomo Hugo Vidal, conselheiro do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (Crea-PR). “Antes havia risco, tanto para o técnico que recomendou, quanto para o agricultor que utilizou. Hoje esse cenário é muito mais favorável”, avalia.

Em linhas gerais, a normativa de 2014 permitiu que muitos produtos agroquímicos registrados tivessem seu

## O caminho da extrapolação

Veja como acontece o processo de extrapolação do Limite Máximo de Resíduos de um produto agroquímico.



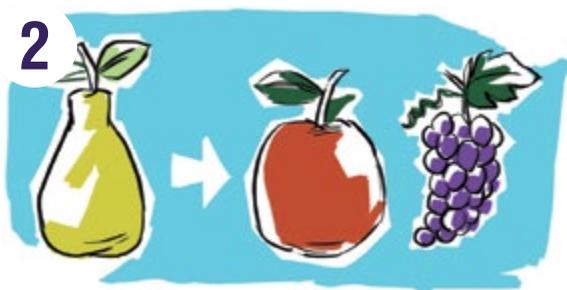
Um produtor de peras está com problema com determinada doença. A pera é uma *minor crops*, ou seja, carece de produtos para o seu manejo fitossanitário.



Desta forma a empresa solicitante tem 24 meses para realização de estudos de resíduos para o estabelecimento do LMR para o pêssego, que é a cultura representativa do sub-grupo ao qual pertence a pera.

uso extrapolado para outras culturas semelhantes, possibilitando controlar pragas, doenças e plantas daninhas. Antes, o trabalho dos engenheiros agrônomos enfrentava dificuldades, pois existiam poucas opções de produtos adequados para prescrever e, conseqüentemente, os produtores ficavam alijados de importantes ferramentas para o manejo de pragas e doenças.

Para a engenheira agrônoma do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP Elisangeles Souza, a segurança dos agroquímicos registrados advém da chancela que estes produtos recebem do Ministério da Agricultura e Abastecimento (Mapa), que avalia a eficiência agrônômica; do Instituto Nacional de Meio Ambiente e Recursos Naturais renováveis (Ibama), que analisa os riscos ao meio ambiente, e da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), que realiza a análise toxicológica e mede os riscos para os seres humanos. “Quando você tem produtos legalizados, você confere maior segurança para o produtor, meio ambiente e consumidor”, diz.



De acordo com a INC1/2014 a pera pertence ao grupo das frutas com casca comestível, da qual as culturas representativas são a maçã e a uva, que possuem produtos registrados para o seu manejo.



Dessa forma, as associações, cooperativas de produtores, instituições de pesquisa, extensão rural ou empresas registrantes poderão indicar o agroquímico para a extrapolação do Limite Máximo de Resíduos (LMR) da maçã para a pera.



Após estes estudos serem finalizados e aprovados pelos órgãos oficiais, o LMR estabelecido para o pêssego será o LMR definitivo para a pera. Após o cadastro do agroquímico nos Estados, com a recomendação de um profissional da área, o produtor poderá utilizar este produto no seu pomar, pois a cultura da pera estará constando na sua bula.

## Participação da FAEP

Desde que a INC1/2014 passou a vigorar, já foram estabelecidos, segundo a Anvisa, mais de 2 mil Limites Máximos de Resíduos (LMR); mais de 100 culturas beneficiadas e cerca de 161 marcas comerciais registradas. “São conquistas que têm reflexo direto no campo”, aponta Elisangeles.

Há anos, a FAEP participa ativamente das discussões. A entidade criou uma metodologia para sistematizar e agrupar as demandas de *minor crops* que é modelo para todo Brasil, resultando na criação do Grupo *Minor Crops* Brasil. Essa estratégia, segundo a gerente de assuntos regulatórios do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (Sindiveg), Andreza Martinez, é bastante positiva, uma vez que aproxima as empresas fabricantes das demandas do campo. “Na verdade, a gente depende desta demanda. É um motivador”, avalia.

Segundo Andreza, quando as demandas são individuais e vem de forma isolada para a indústria, o processo é mais

trabalhoso e pode ficar prejudicado. “Quando temos todas as demandas das culturas agrupadas e organizadas, o processo de análise se torna mais fácil para a indústria”, considera.

Representantes do governo federal também participaram da sessão técnica no Conbraf. Para a auditora fiscal federal do Mapa Tatiane Nascimento, existe uma estratégia para agilizar o processo de registro dos produtos para as *minor crops*. “Elas são tratadas com uma certa prioridade dentro do Ministério. E sempre que são produtos para a inclusão de *minor crops*, esses produtos são priorizados. É uma fila diferente”, ressalta.

Durante sua explanação, Tatiane falou sobre um possível programa de governo para as *minor crops* no Brasil. “A gente sentou com o grupo, que inclui Mapa, Anvisa e Ibama, e começamos a discutir sobre ter alguém para coordenar os trabalhos, para que a gente consiga priorizar melhor isso, e também conseguir ter aporte financeiro para auxiliar as indústrias a fazer pesquisa por meio das Embrapas e outras instituições de pesquisa, assim como é feito em outros países, que têm outras instituições além das indústrias para fazer pesquisa”, afirma.

# Tecnologias internacionais à disposição da principal bacia leiteira do PR

Feira em Castro apresentou inovações estrangeiras para o aumento de eficiência na produção de leite

Por Bruna Fioroni

O vislumbre de novos horizontes para a pecuária de leite definiu a 19ª edição do Agroleite, em Castro, na região dos Campos Gerais. Oficialmente reconhecido como a “Capital Nacional do Leite”, o município promoveu uma plataforma de conhecimentos e negócios, entre os dias 13 e 17 de agosto, gerando novas oportunidades para produtores, empresas, cooperativas, entre outros elos da cadeia produtiva do leite.

Iniciativa da cooperativa Castrolanda, a feira é uma vitrine da tecnologia do leite no Brasil. A expectativa é que o público desta edição supere as 73 mil pessoas do ano passado, movimentando milhões de reais em negócios. Neste ano, sob o tema “Um novo olhar”, a feira trouxe ainda mais evidência às inovações no campo como forma de desenvolvimento da pecuária leiteira, em termos de produtividade, sustentabilidade e responsabilidade social.

O vice-presidente da Castrolanda, Richard Borg, lembrou a história da anfitriã, cujo trabalho foi fundamental

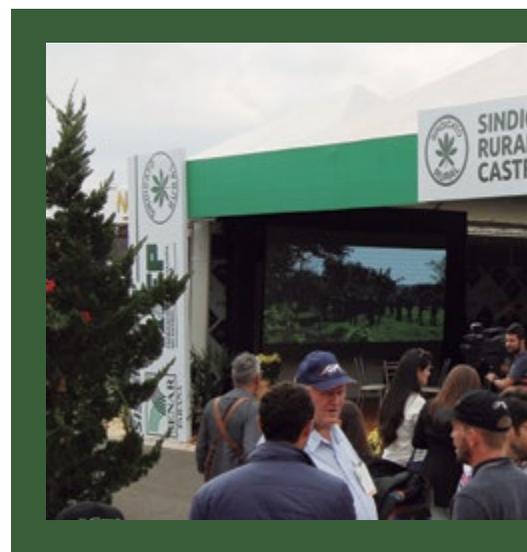
para fazer do Paraná a segunda maior bacia leiteira do país. “A quem pertence o Agroleite? Essa pergunta nos remete aos imigrantes, que há 67 anos vieram para cá para produzir. Aos cooperados de hoje, à população de Castro, ao povo do Paraná. Graças a essa determinação e coragem e ao apoio da comunidade, hoje podemos celebrar”, disse.

A troca de informações ao longo do evento é ponto-chave para o salto produtivo do Estado na pecuária de leite, segundo o secretário de Agricultura e Abastecimento, Norberto Ortigara. “Nosso desempenho deve-se ao conhecimento e à atualização”, pontuou.

## Além das fronteiras

Novas tecnologias providas de países referências na produção de leite estavam à disposição do público. Segundo o CEO da Castrolanda, Thomas Domhoff, a proposta é internacionalizar o evento e abrir fronteiras para a consolidação de parcerias. As lições da Nova Zelândia na produção de leite, por exemplo, figuram entre as atrações do evento desde 2017. A New Zealand Trade & Enterprise (NZTE), agência para o desenvolvimento do comércio internacional do país oceânico, reúne empresas de origem neozelandesa que trazem soluções para aumento de eficiência e rentabilidade da produção.

Maior exportador de derivados lácteos do mundo, a Nova Zelândia se destaca por sua eficiência produtiva e qualidade do leite, além de ser exemplo



em boas práticas, pesquisa e tecnologia. Segundo a gerente de desenvolvimento de agronegócio da NZTE, Nadia Alcântara, muitas destas tecnologias foram desenvolvidas com base na necessidade dos produtores neozelandeses devido às características do país, e posteriormente, passaram a ser comercializadas e adaptadas a outras realidades. Isso já acontece no Brasil.

“A maioria das soluções é facilmente utilizável no Paraná e no Brasil. Algumas precisam de adaptações de



## SENAR-PR promove qualificação profissional no Agroleite

O SENAR-PR esteve presente na 19ª edição do Agroleite, com estande para promoção de cursos e treinamentos voltados para a pecuária de leite em todo o Paraná. Ainda, o Centro de Treinamento para Pecuáristas (CTP) de Castro, uma das principais parcerias da instituição, oferece capacitações adequadas às características da região dos Campos Gerais. O CTP de Castro é reconhecido em termos de genética animal, manejo, solo e clima, com formações que se baseiam em conhecimentos técnicos e vivências práticas.

acordo com o sistema de produção e outras condições, mas funcionam muito bem. O Paraná tem sua importância reconhecida na produção de leite. Isso não se deu à toa, pois os produtores paranaenses já têm uma tendência maior a se valerem dessas tecnologias. Nós percebemos que os produtores, cada vez mais, querem ver novidades e os técnicos querem se informar porque entendem que isso será importante para seu trabalho junto aos produtores”, apontou Nadia.

A principal característica das inovações neozelandesas trazidas para o Agroleite foi a sustentabilidade, por meio do maior controle e automação das atividades. Entre as soluções disponíveis, estão mapeamento genético para aumento de produtividade, sistema de alimentação para melhoria da nutrição dos bezerros, pistola pneumática para aplicação de medicamentos, sistemas de pesagem e equipamentos elétricos.

“São tecnologias que exigem menos mão de obra intensiva no campo

e irão informar o produtor do que está acontecendo na propriedade sem a necessidade de presença física”, salientou. Para o Comissário de Comércio e Vice-Cônsul da Nova Zelândia no Brasil, Chris Metcalfe, a aplicação de tais tecnologias aos recursos paranaenses pode ser considerado o segredo do sucesso. “Na Nova Zelândia, temos um limite de recursos que vocês não têm. A união das nossas soluções aos recursos que existem aqui no Brasil e no Paraná é o casamento perfeito”, definiu.

# "O SENAR-PR trabalha com a realidade do campo, na prática"

Cursos da instituição são desenvolvidos para aperfeiçoar conhecimentos e atender realidade do produtor rural do Estado

Em 25 anos de atividades voltadas à qualificação do setor produtivo paranaense, o SENAR-PR consolidou-se como referência em formação profissional e promoção social dos produtores e trabalhadores do campo. Para manter esta condição, por trás das centenas de cursos e dezenas de programas promovidos pela instituição, existe uma equipe dedicada a contribuir com a profissionalização, melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento sustentável do meio rural.

Um dos nomes responsáveis por este trabalho é a pedagoga e consultora do SENAR-PR, Patrícia Lupion Torres. Além de auxiliar na estruturação da metodologia aplicada às capacitações, Patrícia também é idealizadora e coordenadora do Agrinho, maior programa de responsabilidade social da instituição.

Leia a entrevista com a pedagoga e entenda sobre o processo formativo que rege a atuação do SENAR-PR no Estado.

## BI - Como são desenvolvidos os cursos do SENAR-PR?

**PLT** — Primeiro, nós fazemos um levantamento da demanda do campo. Ou seja, vem do campo a necessidade de um curso, por meio dos produtores, empresas, às vezes há identificação de uma demanda por parte dos instrutores ou mesmo de um supervisor. Com esta

demanda estabelecida, nós buscamos especialistas acerca do tema, que podem ser de qualquer lugar do Brasil. O SENAR-PR busca o melhor, quem é referência. A partir daí, com a contratação deste especialista, nós discutimos o planejamento de como será o curso a campo. Trabalhamos em conjunto para desenvolver o material para a formação do instrutor e para a construção do material do aluno nos planos do curso. Nós fazemos a validação do curso com os instrutores e depois a campo, com o público, com os produtores, utilizando uma versão preliminar do material. Com isso fechado, o curso entra no catálogo.

## Como é o processo de formação de um instrutor?

Nós abrimos um edital de contratação e oferecemos uma formação, tanto técnica quanto pedagógica, para aqueles que vão trabalhar conosco como instrutores. Para todas as áreas, é exigido nível superior. No edital, são descritos os requisitos e o tipo de perfil que precisamos para aquele curso. Às vezes, o perfil é mais amplo, por exemplo, um engenheiro agrônomo. Dependendo do curso, existem poucos especializados naquilo que queremos. Então o pré-requisito é que ele seja

engenheiro agrônomo para que possamos, então, capacitá-lo e formá-lo para ser instrutor daquele curso. No final, o profissional passa por um processo de avaliação e, se aprovado, vai a campo.

## Como lidar com as diferenças de experiência e formação entre alunos de uma mesma turma?

Com estratégia pedagógica. Por isso a importância de se trabalhar em grupo, da comunicação e aprendizagem, da troca entre os pares. O instrutor precisa organizar as estratégias pedagógicas e suas técnicas de tal maneira que possa dar mais atenção para um aluno que precise mais, ou mesmo contar com a colaboração de outro para auxiliar. Ele terá que administrar as situações divergentes que vierem. Por isso, nós procuramos dar uma formação pedagógica mais densa para os



A pedagoga Patrícia Lupion Torres é uma das responsáveis pela metodologia de ensino do SENAR-PR

ossos instrutores, que normalmente são das áreas das Ciências Agrárias e, portanto, não têm tanta formação pedagógica, visando exatamente prepará-los para lidar com essas situações.

### **Existem diferenças entre as metodologias dos cursos voltados para a formação profissional e para a promoção social?**

Sim, são cursos diferentes com objetivos diferentes. A formação profissional trabalha a técnica. Por isso a teoria precisa ser dada com muita reflexão e trabalhada uma base teórica muito densa. Claro que não daremos a quantidade de informações de um curso de engenharia de alimentos dentro de uma capacitação de derivados de leite, por exemplo. Mas é passada a teoria fundamental, seja na questão sanitária, processos, enfim. Ou

seja, muitas vezes você precisa dar um embasamento teórico para depois avançar para a prática. Na promoção social, a base teórica é centrada em pontos fundamentais, dependendo do curso, e a prática é muito maior. O curso inteiro é prático e a teoria serve a essa prática.

### **Existem métodos específicos a serem aplicados em capacitações voltadas ao setor agropecuário?**

Eu diria que a grande diferença está na forma da organização dos cursos. Quando falamos em outra instituição do Sistema S, por exemplo, há unidades destinadas àquele tipo de formação, onde existem os laboratórios com tudo que é necessário para aquela formação dentro de uma sala de aula organizada para essa finalidade. No SENAR-PR, isso não acontece porque

nós trabalhamos com a realidade do campo, na prática, no que chamamos de posto de serviço. É onde o indivíduo de fato trabalha. Então, se o instrutor, por exemplo, está trabalhando num curso de “Boas Práticas na Bovinocultura de Leite”, ele irá executar as tarefas práticas dentro de uma propriedade rural nas condições em que ela está, pois temos que ensinar e preparar o produtor para trabalhar naquelas condições que competem a sua realidade.

### **Devido a isso, podem surgir dificuldades em alguns cursos em relação a infraestrutura? Como lidar com essas situações?**

Por isso treinamos os nossos instrutores. Eles precisam ser capazes de fazer adaptações de tal maneira que o indivíduo aprenda, até porque a realidade dele será aquela em que está fazendo o curso.



## Como o instrutor pode adaptar métodos e aplicar sua didática sem interferir na metodologia?

Nós temos um conteúdo posto e as práticas previstas são obrigatórias. Agora, como qualquer curso, como acontece em qualquer sala de aula, dependendo da turma e das perguntas que surgem, o instrutor pode se estender um pouco mais em certo conteúdo ou falar menos de outro. Agora, o método garante que ele volte para o foco, para que o curso não se perca. O método permite explorar mais um tema ou outro de tal maneira que o instrutor atenda às necessidades do público, mas cumpra o que está previsto para aquele processo formativo.

## E existem dificuldades em seguir a metodologia?

Essa sempre foi uma preocupação do SENAR-PR. Por isso, temos o processo de supervisão quando realizamos o acompanhamento das turmas. Quando há algum tipo de dificuldade ou resistência, nós chamamos o instrutor para uma nova formação

e, posteriormente, ele passa por um novo processo de avaliação para corrigirmos o que for necessário.

## Quais as diferenças entre a metodologia aplicada no início do SENAR-PR e nos dias atuais?

O campo mudou e as pessoas que participam dos cursos mudaram. Hoje, nós temos um público muito mais preparado. Ainda existem aquelas pessoas, principalmente em propriedades menores, que possuem certas dificuldades. Mas de uma maneira geral, na agricultura e na pecuária paranaense, nós já vemos outra característica. Então, para atender essas novas demandas, de pessoas que exigem informações mais aprofundadas e novidades, é preciso pensar em cursos diferentes. Essa foi a principal mudança. Antes, o produtor rural tinha pouco acesso a informação. Então, muitas vezes, tínhamos que passar noções básicas, dar treinamentos para aprender a executar uma tarefa específica, coisas bastante pontuais. Hoje, só saber manusear o equipamento já não é o suficiente. O produtor precisa saber mais do que isso.

Nós como SENAR-PR precisamos ir além da simples instrução à prática. Agora, os conteúdos, as tecnologias e as formas de se trabalhar passam a ser diferentes. Aos poucos, foi acontecendo essa mudança. No início de forma pontual, quando percebíamos que um curso precisava de atualização. Até que chegou o momento em que estávamos revendo quase todo o catálogo e começamos a repensar a metodologia como um todo. Foi um processo, algo com que sempre tivemos uma preocupação muito grande.

## Os produtores estão abertos a essas novidades?

De uma maneira geral, as pessoas querem novas tecnologias e informações. Até por uma questão de sobrevivência no mercado de trabalho e no setor produtivo, a aceitação não é tão difícil assim. É bem curioso, pois existem aquelas situações em que o produtor vê que seu vizinho de propriedade está fazendo e alcançando bons resultados, então ele quer ter também. Eles ficam sabendo de um curso que outro produtor fez e procuram. O marketing boca a boca funciona muito bem.

# Simulação em campo

Mais de 160 profissionais participaram de treinamento simulado para contenção de um foco de febre aftosa



O Paraná está prestes a conquistar o *status* de área livre de febre aftosa sem vacinação, condição que permite alcançar mercados internacionais, hoje fechados para os produtos agropecuários. Para isso, é preciso estar preparado para qualquer emergência. Por conta disso, entre os dias 12 e 16 de agosto, a Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar) e o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (Mapa), por meio de um convênio de cooperação técnica entre o Banco Interamericano do Desenvolvimento (BID) e Comitê Veterinário Permanente do Mercosul (CVP), realizaram um simulado conjunto de contenção e atenção a um foco de febre aftosa no Brasil.

O treinamento simula a situação real de surgimento de um foco da doença no Estado. O objetivo é capacitar os servidores estaduais e federais envolvidos no processo para que realizem os procedimentos de diagnóstico, colheita de amostras, investigação epidemiológica, rastreabilidade, sistema de informação e registro de investigações, medidas de biossegurança, procedimentos de contenção e erradicação.

“Nesta transição que estamos vivendo [para obtenção de novo *status* sanitário] é importante manter a equipe treinada. Então, o que estamos fazendo aqui é simular um foco de febre aftosa e todos os desdobramentos de uma ocorrência real da doença”, explica o gerente de Saúde Animal da Adapar, Rafael Gonçalves.

A simulação reuniu mais de 160 pessoas, entre funcionários da Adapar, servidores dos serviços veterinários de todos os Estados brasileiros, além de observadores do Chile, Paraguai, Uruguai, Bolívia e Argentina, que vieram verificar como o Paraná se comporta caso seja detectado um foco da doença no Estado.

A área trabalhada no simulado envolveu mais de 400 propriedades rurais no município de São José dos Pinhais, na Região metropolitana de Curitiba, sendo que 90 delas receberam visitas das equipes envolvidas na simulação.

“Não temos ocorrência de febre aftosa no Paraná há mais de 13 anos. Muitos veterinários que estão na Adapar hoje

sequer viram um foco de aftosa. Por isso a importância de manter uma equipe vigilante e sensível à detecção precoce da doença”, completa Gonçalves.

De acordo com o coordenador geral de planejamento e avaliação zoonosológica do Departamento de Saúde Animal do Mapa, Ronaldo Carneiro Teixeira, “este simulado é uma oportunidade de praticar os procedimentos técnicos, de organização, trabalho em equipe, controle de informações, controle de materiais. Enfim, todo processo que envolve uma operação de gestão de emergência zoonosológica grave, como é a emergência de febre aftosa”.

Segundo Teixeira, a ocorrência de um foco da doença é considerado um “desastre”, devido ao impacto econômico brutal que este fato causaria a um país com grande participação no mercado global de proteína animal, como é o Brasil. “Quando se configura um desastre, a declaração de emergência do Mapa possibilita que seja solicitado o apoio de instituições que trabalham nestes eventos de desastre, como a defesa civil, polícia militar, polícia rodoviária, por exemplo, além do Centro Pan-Americano de Febre Aftosa (Panafetsa), que é responsável pela condução do programa neste hemisfério”, afirmou.



**CONFIRA O VÍDEO DA MATÉRIA**

**É fácil!**

- Ligue a câmera do seu celular, aponte para o **QR Code**, acesse o link e assista. Caso não funcione, baixe um aplicativo leitor de QR Code.

- Ou assista ao vídeo da matéria no nosso site [sistemafaep.org.br](http://sistemafaep.org.br)



# A volta da fibra

## Trabalho iniciado há quatro anos busca reinserir a cultura no agronegócio paranaense

Por André Amorim

No último verão, o produtor rural e engenheiro agrônomo Edson Hirata, de Rolândia, na região Norte do Paraná, enfrentou o assédio de diversas pessoas que procuravam sua lavoura para tirar fotos. O motivo: a bela paisagem repleta de plumas de algodão criava um cenário incomum que chamava a atenção de quem passava pelo local, sendo que muitos nunca haviam visto uma lavoura igual aquela.

Hirata faz parte de um time de produtores, que decidiu apostar em uma cultura que estava em declínio no Estado nas últimas décadas, mas que guarda grande potencial de ganhos. Desde 2015, a Associação dos Cotonicultores Paranaenses (Acopar) realiza um projeto, com apoio financeiro do Instituto Brasileiro do Algodão (IBA) e colaboração de diversas entidades estaduais como o Instituto de Agronomia do Paraná (Iapar), Embrapa, cooperativas e empresas, para reinserir a cultura no agronegócio paranaense.

A estratégia é interessante, uma vez que o algodão já teve grande importância na economia do Estado. Segundo dados da Acopar, há 20 anos, o Paraná respondia por metade da produção brasileira (leia mais no quadro da página 16), mas questões climáticas e comerciais, somadas à incidência de uma praga de difícil controle, o bicudo, jogaram os cotonicultores paranaenses na lona.

Hoje, o cenário é diferente, de modo que a cultura pode ressurgir em um novo contexto técnico e tecnológico, mais propício para o sucesso. “Acompanho [essa retomada da cultura do algodão] há três anos este esforço épico de buscar novos materiais. Os cerca de 700 hectares cultivados este ano demonstraram bons desempenho, produtividade e qualidade de fibra”, observa o secretário de Estado da Agricultura e Abastecimento, Norberto Ortigara, que acredita na possibilidade do algodão vingar como cultura. “Mas ainda não dá para afirmar que será este o modelo. Ainda não atingimos o padrão de produtividade que gostaríamos de ter”, observa.

No caso do produtor de Rolândia, o resultado alcançado já na primeira safra (2017/18) foi positivo, 291 arrobas por hectare. A produção, por intermédio da Acopar, comercializada junto a uma indústria de beneficiamento no Estado de São Paulo. Na época, Hirata vendeu o algodão com caroço por R\$ 34,50 a arroba. “Consta que a rentabilidade é boa mesmo. O resultado final deu duas vezes mais que a soja”, ressalta.



Engenheiro agrônomo, Hirata utiliza o algodão na rotação de cultura da sua propriedade. Em uma área de 24 hectares, ele destina um terço para o algodão e dois terços para a oleaginosa. Na safra seguinte, alterna a área que destinou ao algodão. “Estava procurando uma opção de cultura para rotação no verão que não fosse o milho. O algodão é uma boa opção porque quebra o ciclo de pragas e doenças”, observa.

Embora o lucro seja maior, a implementação da cultura também é mais cara que a soja. Na avaliação de Hirata, o custo da fibra foi o dobro da oleaginosa. “O adubo e as sementes são as partes mais caras”, avalia. O custo para implementação de algodão, segundo o produtor, ficou em R\$ 5,1 mil por hectare. Para efeito de comparação, o produtor gastou R\$ 3 mil por hectare de soja no mesmo período.



*“O [algodão] cultivado este ano demonstrou bom desempenho, produtividade e qualidade de fibra”*

*Norberto Ortigara,  
secretário estadual da Agricultura*

## Nova era da fibra

Uma das etapas mais onerosas da produção algodoeira também passou a ser otimizada. A colheita, manual no passado, hoje é mecanizada. Desta forma, é importante observar a declividade da área onde se pretende cultivar o algodão. “Não pode ser muito ‘dobrada’ senão a máquina não entra”, aconselha o produtor de Rolândia.

A tecnologia utilizada no manejo da fibra também está consolidada. Ela envolve o uso de reguladores do crescimento das plantas para que fiquem na altura certa para a colheita mecanizada. “Tem que ir monitorando. A cultura do algodão é mais técnica. O produtor precisa entrar mais vezes na lavoura, mas não é mais frágil”, pontua Hirata, que pretende continuar apostando no algodão na próxima temporada.

Na opinião do presidente da Acopar, Almir Montecelli, a lavoura de Hirata é um ponto fora da curva. “O Edson está próximo do teto, algo excepcional. É três vezes mais do que o resto do Brasil ganha com algodão”, afirma, referindo-se aos custos maiores de produção existentes em outros Estados, principalmente no que se refere a fertilizantes e fungicidas.

No caso do produtor Aristeu Sakamoto, presidente do Sindicato Rural de Cambará, na região do Norte Pioneiro, o plantio realizado na safra 2018/19 valeu a pena pela experiência obtida. “O rendimento foi insuficiente para cobrir os custos, por conta de alguns erros que a gente comete. O algodão é uma cultura bastante técnica e exigente. Mas os erros cometidos foram detectados e são facilmente contornáveis”, aponta o produtor, que pretende manter os mesmos 20 hectares de algodão na próxima safra.

## Ouro branco de um passado recente

Antes da soja, o algodão foi a grande locomotiva do agronegócio paranaense. Para se ter ideia, durante a safra 1991/92, o Paraná plantou 704 mil hectares da cultura, que produziram quase um milhão de toneladas da fibra com caroço. Com a colheita realizada praticamente toda de forma manual, a atividade ocupava 235 mil trabalhadores rurais.

Porém, sete anos depois, o Estado amargava a menor área até então, com 48,3 mil hectares e produção na casa das 100 mil toneladas. Com a cotonicultura em declínio, centenas de milhares de postos de trabalho foram abandonados, mudando de forma profunda a configuração socioeconômica do Estado.

Nos anos que se seguiram, com exceção de alguns episódios de aumento pontual de área e produção, capitaneado por incentivos do governo do Estado, a cultura do algodão encolheu até praticamente desaparecer, restando cerca de 1 mil hectares de área plantada a cada safra.

O parque industrial, que chegou a contar com uma centena de usinas de beneficiamento, foi desmontado. Hoje praticamente toda produção é destinada a São Paulo.



O produtor rural Edson Hirata prepara a terra para a próxima safra de algodão em Rolândia, na região Norte

No caso de Sakamoto, o custo ficou em mais de R\$ 11 mil por hectare, com uma produção de cerca de 165 arrobas por hectare. “Eu planejava 400 arrobas por hectare”, diz.

O produtor de Cambará agregou à atual experiência os anos em que plantou algodão no passado, quando a cultura ocupava grande área no Estado. “Sou daqueles que nasceu num fardo de algodão. Tenho a certeza que a região é muito propícia. O diferencial de outras culturas, como soja e milho, e o algodão é o risco reduzido a uma lavoura. Se eu conseguir uma produtividade de 300 arrobas por hectare, com o preço que está nos últimos anos, é suficiente para suprir a rentabilidade das duas lavouras atuais, de soja e milho”, calcula, que aponta a necessidade de organizar melhor a questão do beneficiamento e comercialização da fibra no Paraná.

Segundo Montecelli, da Acopar, hoje a produção paranaense é toda entregue em São Paulo, uma vez que não há máquina beneficiadora no Paraná. “A intenção da Associação é fomentar. Mas se não surgir empresário interessado, é possível a Associa-

ção montar a primeira [máquina beneficiadora]”, adianta. Após ser descarado, o algodão segue para a fição, enquanto o caroço pode ser usado *in natura* para alimentação do gado ou esmagado para produção de óleo.

Esta seria a etapa seguinte de um processo que começou há quatro anos, quando a Acopar levou mais informação sobre a cultura do algodão aos produtores paranaenses, por meio de dias de campo e outras iniciativas. A retomada da cultura no Estado também passou pela mudança no Zoneamento Agrícola de Risco Climático (Zarc). “Antes plantávamos entre 20 de setembro e 20 de outubro. Depois mudaram para novembro e dezembro. Agora mudaram novamente. Perdemos o medo de chuva na colheita e voltamos a plantar em outubro” conta Montecelli.

A área onde a fibra pode vingar no Paraná, segundo Montecelli, pode ser visualizada no mapa. “Se traçar uma linha reta entre Guaíra [no Oeste] e Cambará [Norte Pioneiro], dali para cima dá para plantar”, afirma.



## E o bicudo?

Um dos principais responsáveis pela derrocada da cultura do algodão no Paraná, o bicudo (*Anthonomus grandis*) é um besouro voraz que se instala nos capulhos do algodoeiro, ficando assim protegido da aplicação de inseticidas de contato. Ele suga a maçã da planta quando esta está sendo formada comprometendo a qualidade das fibras.

Nem mesmo um vazão sanitário de 20 anos foi suficiente para eliminar o principal inimigo do algodoeiro. O inseto voltou com força total nas lavouras encampadas por Edson Hirata, em Rolândia, e Aristeu Sakamoto, em Cambará.

Porém, a presença do bicudo não é mais tão novinha, uma vez que existem novas ferramentas de controle à disposição dos produtores, como observa o engenheiro agrônomo do Iapar, João Henrique Caviglione “O risco está vivo. O bicudo é um problema para o algodão. Mas como é uma cultura que a gente conhece, sabe como lidar, tem defensivos de ação melhor. Não elimina a praga, mas controla, evitando os prejuízos e danos causados antigamente”, avalia.

De acordo com o dirigente, para abastecer a indústria paranaense de fios, seria necessário plantar 60 mil hectares de algodão. “É uma expectativa boa, mas nem pretendo chegar a tudo isso. Se atingirmos 20 mil hectares já está ótimo”, ressalta.

## Seguro

Um dos entraves para que mais produtores apostem na volta do algodão no Paraná é a ausência de seguro rural para esta cultura. “Nesse momento temos que montar toda cadeia de novo. Os bancos estão começando a financiar. Estamos indo até os agentes financeiros para mostrar o negócio”, afirma Montecelli.

A ausência de seguro é o motivo pelo qual Hirata, de Rolândia, não amplia sua área destinada à fibra. “Meus vizinhos se interessaram, mas não investiram por conta desta questão”, pondera.

*“Se traçar uma linha reta entre Guaira e Cambará, dali para cima dá para plantar [algodão]”*

*Almir Montecelli,  
presidente da Acopar*

# Cobiçada estatueta

Símbolo da premiação máxima do cinema, Oscar é cercado de lendas em relação a definição do seu nome

Ela mede apenas 33 centímetros, pesa 3,8 quilos e se chama Oscar. A estatueta banhada a ouro que se ergue sobre um rolo de filme é um dos prêmios mais importantes do mundo da sétima arte. Há exatos 90 anos, a cerimônia de entrega o Oscar é visto por milhares de pessoas ao redor do mundo como um dos eventos mais egocêntricos de Hollywood: repleto de estrelas com roupas glamourosas.

A Academia das Artes e Ciências Cinematográficas criou o Oscar em 1927 para promover seus filmes e honrar o desempenho de atores, atrizes, diretores e outros realizadores, que competem em 24 categorias. Originalmente, a Academia contava com 36 membros. Hoje já soma mais de 5,8 mil.

Na época, o diretor de arte do estúdio Metro-Goldwyn-Mayer, Cedric Gibbons, foi eleito para desenhar a estatueta: um homem desnudo e corpulento, com os braços cruzados segurando uma espada e parado sobre um rolo de filme. Segundo a Academia, a estatueta do Oscar demonstra um cavaleiro das cruzadas com sua espada. Os cinco raios que saem da estatueta representam as cinco áreas originais da Academia: diretores, atores, escritores, produtores e técnicos.

A primeira cerimônia, simples e rápida, ocorreu no dia 16 de maio de 1929, no Hotel Roosevelt de Hollywood, a poucos metros de onde atualmente são entregues os prêmios, o Teatro Kodak, para honrar as realizações cinematográficas mais proeminentes de 1927 e 1928. A cerimônia foi apresentada pelo ator Douglas Fairbanks e pelo diretor William C. de Mille. A primeira cerimônia durou 15 minutos e foram distribuídas 15 estatuetas.



não mudou desde seu nascimento, exceto quando foi acrescentado um pedestal, em 1945. Uma lenda indica que a responsável pela biblioteca da Academia e eventual diretora-executiva Margaret Herrick achava a estátua muito parecida com seu tio Oscar. Então, seus funcionários começaram a se referir à estatueta como Oscar.

Outra versão conta que a atriz Bette Davis o teria apelidado assim, dado a semelhança da estatueta com seu primeiro marido. De qualquer modo o apelido pegou de tal maneira que hoje – e há muitos anos – é o nome pelo qual o Academy Award ou Prêmio da Academia é conhecido mundialmente.

Um jornalista especializado em Hollywood, Sidney Skolsky, utilizou o nome em uma coluna de 1934 ao se referir ao prêmio de melhor atriz recebido por Katharine Hepburn, e a Academia começou a utilizar o “apelido” em 1939.

Divulgada inicialmente através de rádio, a primeira cerimônia do Oscar televisionada foi em 1953 somente nos Estados Unidos e no Canadá. Em 1966, aconteceu a primeira exibição do Oscar a cores. Desde 1969, a cerimônia do Oscar é exibida em âmbito internacional. Em 1970, Brasil e México foram os primeiros países, além dos Estados Unidos e do Canadá, a televisionarem o evento ao vivo, via satélite.

Atualmente, os prêmios da Academia são transmitidos em direto pela televisão para mais de 200 países, se tornando assim um dos maiores eventos televisivos do mundo. Segundo a Enciclopédia Novo Mundo, estima-se que mais de um bilhão de pessoas assistem ao Oscar ao vivo ou em gravações a cada ano, equiparando a cerimônia a audiências de eventos televisivos mundiais importantes como a Copa do Mundo FIFA e os Jogos Olímpicos.

A cerimônia do Oscar de 1998 mantém o recorde da maior audiência da história dos Prêmios da Academia, em que 57,2 milhões de pessoas assistiram à cerimônia somente nos Estados Unidos.

As primeiras estatuetas eram de bronze, mas durante a Segunda Guerra Mundial, devido à escassez de metais, os troféus começaram a ser feitos de gesso, sendo logo substituídos pelas atuais figuras banhadas a ouro e prata.

Hoje, a cobiçada estatueta é composta de 92,5% de estanho, 7,5% de cobre e banhada em platina e ouro de 14 quilates.

O troféu não foi sempre chamado de Oscar, mas sua forma

# Avicultores do Paraná trabalham no vermelho

Levantamento de custos de produção do Sistema FAEP/SENAR-PR mostra que se considerados os custos operacionais e a remuneração do capital, produtores do Estado estão no prejuízo

Por Antonio C. Senkovski

Os avicultores do Paraná estão com as contas no vermelho. É o que aponta o levantamento dos custos de produção da avicultura, realizado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, entre os meses de maio e agosto, nas quatro principais regiões produtoras do Estado: Campos Gerais, Norte, Oeste e Sudoeste. O prejuízo é constatado em quase todos os locais, tanto no tipo pesado quanto no griller, quando considerados na conta os custos variáveis, operacionais e a remuneração sobre o capital (veja os detalhes das páginas 22 a 25).

As informações foram coletadas em três etapas, ao longo dos últimos três meses. A primeira foi o preenchimento de planilhas pelos produtores, com base em suas respectivas realidades. Em seguida, uma série de encontros reuniu avicultores e representantes de indústrias e empresas relacionadas à cadeia produtiva. Nessa etapa foram feitos ajustes e confirmações de dados. Por último,

ocorreu a compilação dos números para apresentação do resultado final.

Para o presidente da Comissão Técnica (CT) de Avicultura da FAEP, Carlos Bonfim, o levantamento é fundamental para o produtor ter a real noção de quanto está desembolsando para manter a atividade em funcionamento e como pode melhorar a gestão. “Este levantamento já é feito há alguns anos e sempre fomos muito bem recebidos pelos produtores, porque conseguimos realmente levantar o nosso custo, apontar no que se está gastando mais dinheiro, em que item o custo está mais alto e uma série de outras informações importantes para a melhor tomada de decisões”, explica.

O mestre em economia rural Ademir Francisco Giroto, responsável pela metodologia utilizada no levantamento dos custos de produção, faz um balanço positivo do levantamento de custos e reconhece o empenho dos produtores, empresas e demais



## Levantamento completo

As planilhas detalhadas estão disponíveis para *download* no site [www.sistemafaep.org.br](http://www.sistemafaep.org.br), na seção “Serviços”.

profissionais envolvidos. “É importante que haja uma instituição com o respeito do Sistema FAEP/SENAR-PR para tocar um trabalho como esse, sério e confiável. Porque a indústria tem todos os seus parâmetros e nossos dados têm que ter credibilidade. Nesse sentido, o retorno foi positivo, conseguimos entregar resultados sólidos”, avalia Giroto.

Em relação aos resultados, o especialista alerta que é preciso que os avicultores tenham em mente que quanto mais dados os produtores gerarem no seu dia a dia, com base em suas respectivas realidades, mais otimizada será a sua gestão e os números para negociar com a indústria. “Vimos que praticamente todos os aviários estão trabalhando com prejuízo considerando o longo prazo. Mesmo naqueles em que os custos operacionais são cobertos, isso permite pensar apenas na viabilidade a médio prazo, pois em uma análise com um prazo maior o capital está sendo corroído”, alerta.



### CONFIRA O VÍDEO DA MATÉRIA

#### É fácil!

- Ligue a câmera do seu celular, aponte para o **QR Code**, acesse o link e assista. Caso não funcione, baixe um aplicativo leitor de QR Code.
- Ou assista ao vídeo da matéria no nosso site [sistemafaep.org.br](http://sistemafaep.org.br)



## Quanto custa produzir aves no Paraná

Durante o trabalho, foram levantados dados nas seguintes localidades e tipos de aviários



é um modo diferenciado na produção, que leva apenas cerca de 30 dias até o abate



é o modo convencional na produção, onde o frango leva cerca de 45 dias até o abate

### CASCADEL

- 100x12m\*
- 130x12m
- 150x16m

### CIANOORTE

- 150x16m

### FRANCISCO BELTRÃO

- 100x12m

### DOIS VIZINHOS

- 100x12m
- 150x16m

### CAMPOS GERAIS

- 100x12m
- 150x16m

### LONDRINA

- 125x12m
- 160x16m

### CHOPINZINHO

- 100x12m
- 100x12m
- 140x14m
- 150x16m
- 150x24m

### CAMBARÁ

- 125x12m
- 140x14m
- 150x16m
- 165x18m

### TOLEDO

- 100x12m
- 125x12m
- 130x14m
- 150x16m

\* Medida(s) do(s) barracão(ões) em metros

## Efeito prático

O levantamento dos custos de produção já trouxe um efeito prático para o dia a dia dos produtores da região dos Campos Gerais, onde Bonfim atua também como produtor. “Para você ter uma ideia de como esses dados são respaldados, levamos os números para a reunião da Cadec (confira no quadro ao lado). Falamos com representantes da indústria, que oficializou, no dia 12 de agosto, um aumento de 6%, porque nosso repasse estava muito abaixo. Isso com base nesse levantamento agora”, compartilha a liderança rural.

A estratégia utilizada foi confrontar os pagamentos praticados em diferentes regiões. “Com base nos números, nós questionamos o porquê de no Sudoeste ser praticado um preço e para nós ter R\$ 0,15 de diferença no valor pago por cabeça, pois o custo de

produção aqui ou lá é praticamente o mesmo”, detalha. “Nunca na história tivemos um aumento de 6%. E isso só conseguimos porque pudemos mostrar, ao longo dos anos, com o levantamento dos custos, o quanto nossas unidades recebem menos que as outras regiões. Os números permitem um parâmetro de como está nossa região perante as outras”, reflete.

Além do reajuste imediato, também houve um compromisso da empresa de mais uma melhora dos valores pagos aos produtores, caso algumas metas sejam cumpridas até o começo de 2020. “A promessa da agroindústria é, em fevereiro, caso os resultados sejam positivos, uma equiparação com a região Sudoeste, valor mais alto para o frango *griller* no Paraná. Só com números com esse nível de detalhamento e seriedade é que podemos questionar”, reafirma.

## O que são as Cadecs?

As Comissões de Acompanhamento, Desenvolvimento e Conciliação da Integração (Cadecs) são espaços para negociações equilibradas com representantes dos produtores e das agroindústrias integradoras. Cada Cadec precisa ter em sua composição dez membros titulares e dez suplentes, sendo metade pelo lado dos pecuaristas e a outra parte da empresa. Com o trabalho conjunto de produtores e agroindústrias, esses espaços de diálogo já se tornaram referência no Paraná e modelo para todo o Brasil. Atualmente, das 32 plantas industriais existentes no Estado, 21 possuem Cadecs formadas.

## Conceitos

Antes de ir aos resultados, é preciso entender algumas definições



### CUSTO VARIÁVEL

É o valor que o avicultor precisa ter à disposição para produzir um lote de frangos e para garantir sua manutenção na atividade no curto prazo. São os gastos com mão de obra, energia elétrica, lenha, cama, manutenção, seguro das instalações, combustível, dentre outros.



### CUSTO OPERACIONAL

É o custo variável somado à depreciação de instalações e equipamentos. A depreciação corresponde a perda de valor do aviário ao longo de sua vida útil. O avicultor não desembolsa este valor efetivamente, mas essa reserva é necessária para que ele possa substituir seus ativos e permanecer na atividade no longo prazo.



### CUSTO TOTAL

É o custo operacional somado à remuneração sobre o capital. O índice serve de parâmetro para se calcular o dinheiro investido e desembolsado pelo avicultor a cada lote, caso fosse aplicado na caderneta de poupança (rendimento 6% ao ano).

Fonte: Sistema FAEP/SENAR-PR



## Produtores relatam dificuldades

Ilseu Peretti, avicultor em Chopinzinho, no Sudoeste do Paraná, tem quatro aviários, com 2,4 mil m<sup>2</sup> cada e capacidade para alojar 190 mil frangos *griller* no total. O produtor revela que a região como um todo sente dificuldades na avicultura. “Não nos agrada o que estamos recebendo. Se levarmos em consideração o capital e a depreciação, nós estamos trabalhando com prejuízo. Mas a gente sempre foi paciente, sabendo que a indústria também está no vermelho com todas essas crises dos últimos três anos. Mas nossa ideia agora é tentar negociar, já que existe um cenário de expectativas mais positivas”, revela.

Peretti enfatiza que a planilha de custos, nesse sentido, é uma ferramenta de suma importância. “Mostra a verdadeira situação. Com essa ferramenta, conseguimos discutir com a empresa a realidade, não só a minha como a de todos. E aqui na nossa região, não é generalizado, mas já teve casos de produtores pedindo ajuda para negociar di-

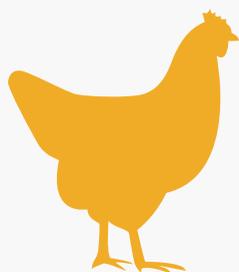
vida porque não estão conseguindo honrar seus compromissos”, situa.

Também produtor de frango *griller*, Guilherme Jonker Junior aloja 360 mil aves no município de Castro, nos Campos Gerais. Na sua percepção, muitas vezes os produtores pensam não estar no prejuízo por não controlar de forma efetiva seus gastos. “Um exemplo é que o produtor trabalha no próprio aviário e por isso, muitas vezes, não considera que tem direito a um pró-labore ou o filho a um salário. O mesmo acontece com a lenha retirada da própria propriedade por aqueles que possuem plantações de eucalipto. É preciso considerar o valor de mercado, afinal está produzindo o insumo”, cita.

José Carlos Spoladore, produtor de frango pesado em Cianorte, no Norte do Paraná, tem quatro aviários que alojam no total 120 mil aves. “Não vivemos momentos de glória. Essas informações são uma maneira de sabermos como estamos trabalhando e, assim, negociar com a integradora”.

## Resultados

### Custos e receitas do frango *griller*



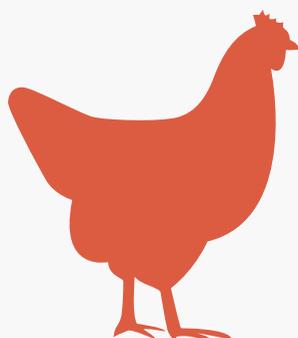
MUNICÍPIOS	DOIS VIZINHOS	CAMBARÁ	CAMPOS GERAIS	CHOPINZINHO
Tamanho (metros)	150x16	150x16**	150x16**	100x12
Lotes/ano	7,88	7,46	8,21	7,84

DESPESAS	R\$ POR CABEÇA			
Custo Variável	R\$ 0,264	R\$ 0,311	R\$ 0,285	R\$ 0,409
Custo Operacional	R\$ 0,417	R\$ 0,460	R\$ 0,435	R\$ 0,577
Custo Total	R\$ 0,502	R\$ 0,537	R\$ 0,514	R\$ 0,664

RECEITAS				
Valor recebido com a venda de frangos	R\$ 0,350	R\$ 0,426	R\$ 0,269	R\$ 0,420

RESULTADOS				
Saldo sobre custo total	- R\$ 0,152	- R\$ 0,111	- R\$ 0,245	- R\$ 0,244

### Custos e receitas do frango *pesado*



MUNICÍPIOS	CHOPINZINHO	TOLEDO	CIANORTE	LONDRINA
Tamanho (metros)	150x16	150x16**	150x16**	160x16
Lotes/ano	5,70	6,29	4,15	6,08

DESPESAS	R\$ POR CABEÇA			
Custo Variável	R\$ 0,479	R\$ 0,488	R\$ 0,492	R\$ 0,554
Custo Operacional	R\$ 0,716	R\$ 0,711	R\$ 0,849	R\$ 0,771
Custo Total	R\$ 0,848	R\$ 0,829	R\$ 1,041	R\$ 0,889

RECEITAS				
Valor recebido com a venda de frangos	R\$ 0,760	R\$ 0,720	R\$ 0,950	R\$ 0,950

RESULTADOS				
Saldo sobre custo total	- R\$ 0,088	- R\$ 0,109	- R\$ 0,091	R\$ 0,06

Fonte: Sistema FAEP/SENAR-PR

\*\* Referente a granja com dois aviários



### App para calcular custos

O Sistema FAEP/SENAR-PR está fazendo os últimos testes e ajustes para lançar um aplicativo (app) para *smartphones* (Android e iPhone). Entre as diversas funcionalidades da ferramenta, uma das mais importantes é a “Calculadora dos Custos de Produção Avícola”. Para ter seus resultados, basta que sejam inseridos os dados que o sistema vai fazer as contas automaticamente. Com esse

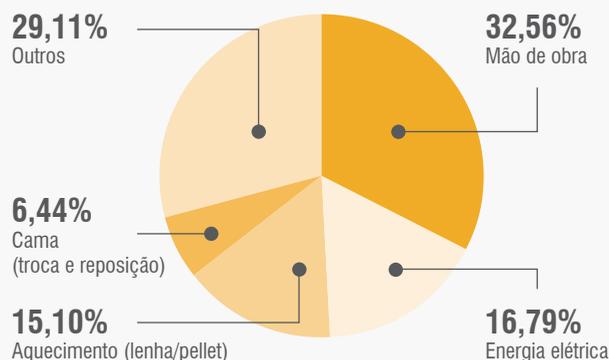
instrumento os avicultores de todo o Paraná poderão controlar os gastos de suas propriedades e também comparar o seu desempenho com a média de outras regiões.

Para ficar sabendo em primeira mão quando o aplicativo estiver disponível para *download*, e também para descobrir mais funcionalidades que estarão disponíveis na ferramenta, basta fazer o cadastro no site [app.sistemafaep.org.br](http://app.sistemafaep.org.br).

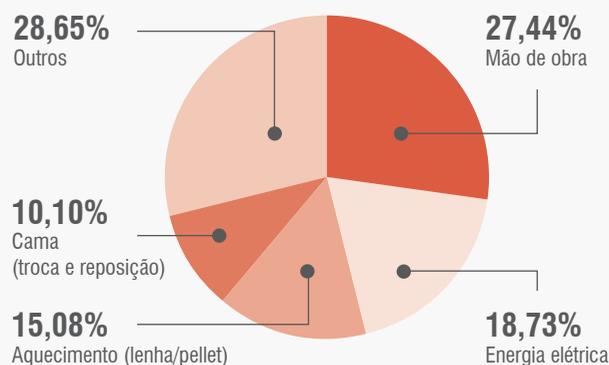
## Composição dos custos variáveis

Confira os itens que mais pesam no bolso do produtor

### Cambará - aviário de 150x16m | *Griller*



### Londrina - aviário de 160x16m | *Pesado*



## Vilão dos custos variáveis

A mão de obra aparece como o principal “vilão” dos custos variáveis dos produtores de aves no Paraná. No município de Londrina, por exemplo, na produção de frangos pesados em galpões de 160x16 metros, o gasto com funcionários representa 27,44%. No caso dos frangos *griller*, em Cambará, num aviário de 150x16 metros, os gastos com salários e encargos trabalhistas totalizam 32,56% (confira detalhes no gráfico acima).

Os números confirmam a percepção dos produtores em relação a esse assunto. “Hoje, o principal problema é a legislação trabalhista. No geral, questões de horário, folga, insalubridade são o que mais onera e o que mais preocupa o avicultor”, destaca Carlos Bonfim, presidente da CT de avicultura.



Por Mariana Assolari,  
Médica veterinária  
DETEC - Sistema FAEP/SENAR-PR

## Argumentos para a negociação

A retomada dos levantamentos de custos na avicultura de corte foi um passo importante na construção de um banco de dados que subsidiará a gestão das propriedades, elaboração de políticas públicas e negociações que acontecem nas Comissões de Acompanhamento e Desenvolvimento da Integração (Cadecs). Não há possibilidade de discutir custos e remuneração sem dados consistentes e que representem a realidade local.

Foi possível verificar através desse trabalho que os coeficientes mudam nas diferentes regiões do Estado. Tempo de alojamento (número de dias que os frangos permanecem nas granjas até a apanha), intervalo entre lotes e, conseqüentemente, número de lotes ao ano, são fatores que interferem nos resultados, além da densidade no alojamento e remuneração praticada.

Outro fator observado foi o impacto de problemas sanitários nos resultados da avicultura. Nas regiões onde a positividade para salmonela é mais elevada, chegando a 30% em algumas localidades, os intervalos entre lotes acabam se estendendo e a densidade no alojamento reduzida para diminuir a pressão de infecção.

Além disso, o levantamento sistemático dos custos operacionais efetivos dará sustentação técnica necessária para a elaboração das novas etapas de treinamento em avicultura de corte, bem como a construção de um treinamento em custos de produção.

O trabalho terá continuidade por parte do Sistema FAEP/SENAR-PR, pois o fornecimento das informações subsidia tecnicamente, sempre que necessário, os avicultores, sindicatos rurais e demais entidades ligadas a atividade. Afinal, a avicultura é uma cadeia produtiva de grande relevância social e econômica para o Estado.

# Ex-aluno passa ao posto de instrutor do JAA

Dionei Dapont irá repassar conhecimento no mesmo programa do SENAR-PR que o ajudou a encontrar sua vocação

O jovem Dionei Silva Dapont nasceu e cresceu no campo. Ainda criança, Dapont desenvolveu o gosto pelas atividades agropecuárias na Fazenda Castelli, no pequeno município de Mamborê, na região Centro Oriental do Paraná. Ali, descobriu sua primeira vocação. “Meu sonho era ser médico veterinário. Eu sempre gostei muito de conviver com os animais”, revela.

Conforme crescia, apesar do contato diário com o meio rural, Dapont não sabia o que esperar do seu futuro profissional. Até que em 2012, o jovem, que ainda não conhecia o trabalho do SENAR-PR, descobriu o Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) por convite do colégio em que estudava.

“Fiquei com interesse no curso, mas não consegui entrar porque a turma lotou. Eu pedi, então, para o instrutor se poderia voltar no outro dia para tentar entrar na turma. Então, o instrutor ligou para o supervisor e pediu se eu poderia entrar. Ele autorizou”, lembra o ex-aluno do JAA.

Durante o programa, além da confirmação para cursar medicina veterinária, Dapont afirma ter descoberto uma nova realidade. “Eu gostava da vida na fazenda, mas não sabia de nada, era meio perdido so-

bre o que queria fazer. Depois que eu comecei o JAA, mudei minha vida. Comecei a ter mais noção e colocar a mão na massa”, relata.

Em 2013, Dapont foi convidado para aplicar uma das provas da gincana do JAA, atividade realizada entre as turmas sobre os conteúdos vistos durante os encontros. O jovem, então, se aprofundou ainda mais no programa do SENAR-PR, dessa vez sob outra perspectiva. Ali, entre conversas com o supervisor e a coordenadora do programa, começava o despertar de outra vocação.

Em 2018, com o diploma de medicina veterinária em mãos, veio o convite para tornar-se instrutor do programa JAA. O ex-aluno, que até então nunca havia cogitado a ideia de exercer qualquer tipo de docência, decidiu encarar o desafio.

“De certa forma foi uma surpresa porque, em 2014, quando comecei a faculdade, eu nunca imaginei que iria dar aula. Eu sempre gostei de pecuária de leite e pensava em trabalhar na propriedade. Agora vou trabalhar com isso como instrutor e passar meu conhecimento para frente”, orgulha-se Dapont, primeiro da família a concluir um curso superior.

Ainda, segundo ele, pretende utilizar o conhecimento proporcionado pelo SENAR-PR para seu crescimento profissional e pessoal. “Espero conhecer muitas pessoas no decorrer dessa trajetória. Essa amizade, essa troca, com certeza irá agregar muito à minha carreira, como já acontece desde a época do JAA”, declara. “Com a ajuda dos amigos e do SENAR-PR, tem tudo para dar certo”, finaliza.



## Troca de experiências

No dia 13 de agosto, a diretoria do Sistema FAEP/SENAR-PR recebeu as representantes da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, Gabriela Redona Chiste e Juliana Augusto Cardoso. A reunião teve como objetivo apresentar os programas desenvolvidos pelo SENAR-PR. A administração paulista tem planos de capacitar e atualizar os mais de 800 agrônomos para melhor atender ao produtor rural daquele Estado. A proposta é ampliar as ações de formação e atendimento do público rural, podendo usar como referência as ações realizadas pelo SENAR-PR.



## Aplicativo Sistema FAEP

Nas próximas semanas, será lançado o aplicativo do Sistema FAEP/SENAR-PR, com informações de interesse de todos os produtores e trabalhadores rurais. A ferramenta irá reunir serviços como previsão do tempo, cotações, notícias, Boletim Informativo, calculadora de custos de produção avícola e muito mais. Para ficar sabendo quando o aplicativo estiver disponível para *download*, e também para descobrir mais funcionalidades que estarão na ferramenta, basta fazer o cadastro no site [app.sistemafaep.org.br](http://app.sistemafaep.org.br).



## Consulta Pública do Selo Arte

Produtores das mais diversas cadeias produtivas têm até o último dia do mês de agosto para participar da Consulta Pública sobre o Selo Arte, regulamentado em julho. A identificação permite que produtos como queijos, embutidos, pescados e mel possam ser vendidos livremente em qualquer parte do país, eliminando entraves burocráticos. Para os consumidores, será uma garantia de qualidade, com a segurança de que a produção é artesanal e respeita as boas práticas agropecuárias e sanitárias.

## Ciclo de palestras em Goioerê

No dia 9 de agosto, o advogado da FAEP Eleutério Czornei participou do XVIII Ciclo de Palestras Agropecuárias, durante a abertura da Expo-Goio, feira que ocorreu na cidade de Goioerê. Na ocasião, Czornei repassou informação sobre Empresa Social, Cadastro da Atividade Econômica da Pessoa Física (CAEPF) e Nota Fiscal Eletrônica do Produtor Rural ao público presente. O presidente do Sindicato Rural de Goioerê, Sérgio Fortis, também participou do evento.





ALVORADA DO SUL

### NOVA DIRETORIA

No dia 31 de julho ocorreu a posse da nova diretoria do Sindicato de Alvorada do Sul para gestão 2019/2022. Eduardo Martins assumiu a cadeira de presidente, enquanto Alberico Paulo Santoro de vice-presidente. O evento contou com a presença de Walter Ferreira Lima, presidente do Sindicato Rural de Centenário do Sul e do Núcleo dos Sindicatos do Norte.



QUEDAS DO IGUAÇU

### JAA

O Sindicato Rural de Quedas do Iguaçu e a escola Estadual Pedro Rufino de Siqueira promoveram entre os dias 25 de fevereiro e 2 de julho, o curso “Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) - Preparando para Gestão”. Um grupo de 14 alunos foi capacitado pelo instrutor Sandro Pio Passarin.



FAXINAL

### GESTÃO 2019/22

No dia 8 de agosto, Alfredo Alves Miguel Junior tomou posse como presidente do Sindicato Rural de Faxinal e Alcindo Benedito Aranha como vice-presidente. O evento de posse contou com a presença do diretor financeiro da FAEP, Paulo José Buso Junior, e do supervisor do SENAR-PR Josiel Nascimento.



PALOTINA

### POSSE

No dia 9 de agosto, Nestor Antonio Araldi foi reencaminhado a presidência do sindicato, sendo Edmilson José Zabott como vice-presidente, para gestão 2019/22. A solenidade contou com a participação de Nelson Paludo, representando a FAEP, do secretário municipal de Agricultura e Gestão Ambiental, Antoninho Luiz Chechi, dos vereadores Sansão Pinheiro, Weslei Freitas, Rose Delai, Marcos Heuert e Elias Naor Schlosser, do extensionista da Emater Eduardo Wammes e do presidente da Sociedade Rural, Gerson Araldi.



ALTAMIRA DO PARANÁ



CASCAVEL

## TURISMO RURAL

Nos dias 7, 8 e 9 de maio aconteceu o curso "Trabalhador em Turismo Rural - Turismo Rural e Oportunidades de Negócios", por iniciativa do Sindicato Rural de Campina da Lagoa. O instrutor José Rivaldo dos Santos treinou 13 pessoas.

## BÁSICO EM MILHO

O Sindicato Rural de Cascavel e Agrotec realizaram o curso "Produção Artesanal de Alimentos - Beneficiamento e Transformação Caseira de Cereais - Básico em Milho", nos dias 13 e 14 de junho. Um grupo de 11 pessoas participou das aulas com a instrutora Geni Rossato Bach.



RIBEIRÃO DO PINHAL



FLORESTÓPOLIS

## CLASSIFICADOR DE GRÃOS

No dia 17 de junho, o Sindicato Rural de Ribeirão do Pinhal e CRAS organizaram o curso "Classificador de Grãos – Milho", para um grupo de 14 pessoas. Na ocasião, a instrutora foi Ellen Karine Roco Piffer de Medeiros Buso.

## MANUTENÇÃO DE ROÇADEIRA

Nos dias 27 e 28 de junho ocorreu o curso "Trabalhador Volante da Agricultura - Operação e Manutenção de Roçadeira", para 10 alunos. A iniciativa foi do Sindicato Rural de Porecatu e Usina Alto Alegre S/A. O instrutor responsável foi Eder Paulo Arrabal Arias.



## Super-cupins

Foi descoberto no Nordeste brasileiro uma colônia de cupins com mais de 230 mil quilômetros quadrados. Os montes espalhados pela área têm 2,5 metros de altura. Os cientistas também descobriram que os cupins que ali habitam estão em expansão há 3,8 mil anos.

## Parque de Jigokudani

O Japão é o lar dos macacos da neve, que vivem na região Norte do país. Lá faz tanto frio, que esses animais têm pelos grossos para lidarem com as baixas temperaturas. Porém, eles aprenderam que há outras maneiras de se aquecer, como tomar banho nas águas termais da região. O governo criou uma caldeira especialmente para os macacos onde fica o parque de Jigokudani. O local se tornou parada tanto para os turistas quanto para os primatas selvagens que também querem relaxar e se aquecer.



## Pirata feminista

Você sabia que existiram mulheres que atuaram como piratas? A mais bem-sucedida de que se tem notícia é a chinesa Ching Shih, que viveu no século XIX. Ela comandava 300 embarcações e uma tropa de 40 mil pessoas entre homens, mulheres e até mesmo crianças



## Templo de Karnak

O Egito vai além das pirâmides de Gizé. Em Luxor, a antiga Tebas, se encontra o templo de Karnak, uma espécie de Vaticano para a cultura egípcia. O complexo de templos tem a marca de todos os faraós que governaram por ali em um período de 1,5 mil anos. O local abriga o grande templo de Amon, entre outras construções e capelas dos deuses da cultura.





## Pão com fermento milenar

Os adeptos da fermentação natural na panificação vão gostar de saber que o empresário Seamus Blackley, criador do videogame Xbox, conseguiu fazer um pão usando levedura egípcia com aproximadamente 4,5 mil anos de idade. As bactérias foram removidas da cerâmica egípcia que compõe o acervo do Museu de Belas Artes de Boston e do Museu Peabody, em Harvard. Ainda há muitos experimentos a serem feitos em cima do ingrediente para garantir a sua pureza, mas Blackley garante que o pão é doce e com um aroma incrível.

## Incêndio!

No hospício, o doido telefona para o Corpo de Bombeiros e avisa:  
- Tá pegando fogo no hospício.  
Rapidamente os bombeiros chegam ao local:  
- Onde é o fogo?  
O doido:  
- Vocês vieram tão rápido que ainda nem deu tempo de botar.

fogo?



## Cacareco para vereador

A grande São Paulo elegeu, em 1959, o rinoceronte Cacareco como vereador, em forma de protesto e insatisfação com o atual governo. O animal foi o mais votado na eleição, com mais de 100 mil votos. Isso foi possível porque a votação ainda era na ponta da caneta. Cacareco, que pertencia ao zoológico do Rio de Janeiro, visitou a capital paulista para a inauguração da estrutura paulista. Infelizmente, morreu jovem, aos 8 anos de idade, em 1982. Hoje, os seus restos mortais estão em exposição no Museu de Anatomia Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária da USP.



## UMA SIMPLES FOTO



# ITR 2019

Imposto sobre a propriedade Territorial Rural

PRAZO PARA ENTREGA

## 30 DE SETEMBRO

## FAÇA SUA DECLARAÇÃO DO ITR NO SINDICATO RURAL



**É FÁCIL, RÁPIDO E SEGURO.**  
Sem a declaração do ITR, o produtor não obtém a Certidão Negativa de Débito.

*\*Facilite o trabalho. Leve com você a declaração do ano passado.*

### Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná  
R. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar  
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

### EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se                                 | <input type="checkbox"/> Falecido      |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido                             | <input type="checkbox"/> Ausente       |
| <input type="checkbox"/> Recusado                                 | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente                    |  |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado                 |  |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico |  |

### REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
Em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Responsável

Acesse a versão digital deste informativo:

**sistemafaep.org.br**

• FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 | Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

• SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 | Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais

